

da autora de *A vida invisível de Addie LaRue*

V.E. SCHWAB

A
Bruixa
de Near



Galera

da autora de *A vida invisível de Addie LaRue*

V.E. SCHWAB

A
Bruixa
de Near



Obras da autora publicadas pela Galera Record

Série Vilões

Vilão

Vingança

ExtraOrdinários

Série Os Tons de Magia

Um tom mais escuro de magia

Um encontro de sombras

Uma conjuração de luz

Série Os Fios do Poder

Os frágeis fios do poder

Série A Guardiã de Histórias

A guardiã de histórias

A guardiã de vazios

Série A cidade dos Fantasmas

A cidade dos fantasmas

Túnel de ossos

Ponte das almas

A vida invisível de Addie LaRue

Vampiros nunca envelhecem (com outros autores)

Mansão Gallant

A Bruxa de Near

A Bruxa de Near

V.E. SCHWAB

Tradução
Thaís Britto

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2024

PREPARAÇÃO

Ana Bittencourt

REVISÃO

Rodrigo Dutra

CAPA

Caio Maia

TÍTULO ORIGINAL*The Near witch*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S425b

Schwab, V. E.

A bruxa de Near [recurso eletrônico] / V. E. Schwab; tradução Thaís Britto. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2024.

recurso digital

Tradução de: *The Near witch*

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5981-552-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Britto, Thaís. II. Título.

24-93304

CDD: 813

CDU: 82-3(73)



Gabriela Faray Ferreira Lopes – Bibliotecária – CRB-7/6643

Copyright © 2011, 2019 by V.E Schwab.

Publicado mediante acordo com a BAROR INTERNATIONAL, INC., Armonk, Nova York, U.S.A.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA GALERA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 120 – Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 - Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a
propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil



ISBN 978-65-5981-552-4

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

SUMÁRIO

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24

25

26

27

28

29

30

Agradecimentos

*Para meus pais,
por nunca duvidarem nenhuma vez.*





TUDO COMEÇA COM UM ESTALO e uma faísca. O fósforo sibila e ganha vida.

— Por favor — diz a voz bem baixinho atrás de mim.

— Já está tarde, Wren — respondo. O fogo lambe o palito de madeira em minha mão. Levo o fósforo a cada uma das três velas que estão em cima do baú, perto da janela. — É hora de dormir.

Com as velas todas acesas, sacudo o fósforo e a chama se apaga, deixando um rastro de fumaça que se desenrola contra o vidro escuro.

Tudo parece diferente à noite. Mais definido. Para além da janela, o mundo está repleto de sombras, todas juntinhas, uma sobre a outra, de alguma forma mais nítidas do que durante o dia.

Os sons também parecem mais nítidos à noite. Um assobio. Um estalo. Um sussurro de criança.

— Só mais uma — implora ela, puxando as cobertas para mais perto.

Suspiro, ainda de costas para minha irmãzinha, e passo os dedos pelas capas dos livros empilhados ao lado das velas. Sinto que estou começando a ceder.

— Pode ser uma bem curtinha — diz ela.

Pouso a mão sobre um livro verde antigo enquanto o vento sopra ao redor da casa.

— Está bem. — Aparentemente, eu não consigo dizer não para a minha irmã.
— Só uma — acrescento e volto para a cama.

Wren suspira feliz, e eu me deito ao lado dela.

As velas criam desenhos de luz nas paredes do quarto. Respiro fundo.

— O vento na charneca pode pregar peças — começo a contar, e o corpinho de Wren afunda ainda mais na cama.

Suspeito que ela esteja ouvindo mais a ressonância da minha voz do que as palavras em si. Nós duas sabemos a história de cor: eu, por causa do meu pai, e ela, por minha causa.

— De todas as características da charneca, da terra até as pedras, passando pela chuva e pelo fogo, em Near, a mais forte é o vento. Aqui, nas cercanias da aldeia, o vento é sempre forte, faz as janelas rangerem. O vento sussurra, uiva e canta. Ele consegue transformar a própria voz e dar a ela a forma que quiser, seja longa e fina o suficiente para deslizar por debaixo da porta, seja tão robusta a ponto de parecer ser feita de carne e osso.

— O vento já estava aqui quando você nasceu, quando eu nasci, quando nossa casa foi construída, quando o Conselho foi instituído e até mesmo quando a Bruxa de Near era viva — digo, com um sorriso discreto, exatamente como meu pai sempre fazia, porque é *aí* que a história começa. — Muito, muito tempo atrás, a Bruxa de Near vivia em uma pequena casa no ponto mais distante da aldeia e cantava para fazer as colinas dormirem.

Wren puxa as cobertas para cima.

— Ela era muito velha e muito jovem, dependendo do lado para onde virasse a cabeça, porque ninguém sabe a idade das bruxas. As correntezas da charneca eram seu sangue, a grama era sua pele, e ela tinha um sorriso gentil e mordaz ao mesmo tempo, como a lua em uma noite muito escura...

É raro eu chegar até o fim da história. Logo Wren vira um emaranhado de cobertores e respiração leve, dormindo pesado ao meu lado. As três velas ainda queimam sobre o baú, caídas umas sobre as outras, pingando cera na madeira.

Wren tem medo do escuro. Eu deixava as velas acesas a noite toda, mas ela dorme rápido e, se acorda, consegue chegar até o quarto da nossa mãe de olhos fechados. Agora me acostumei a ficar acordada até ela pegar no sono e só então apago as velas. Não há necessidade de desperdiçá-las e nem correr o risco de colocar fogo na casa. Eu me levanto da cama, os pés descalços tocando o piso antigo de madeira.

Quando chego até as velas, olho para as marquinhos de digitais na poça de cera, onde Wren gosta de desenhar enquanto a cera está morna, ficando na ponta dos pés para alcançar. Passo meus próprios dedos ali distraidamente quando alguma coisa, um movimento breve, chama a minha atenção para a janela. Não há

nada lá. Do lado de fora, a noite está calma e iluminada pelo luar, e o vento sopra contra o vidro em um sussurro oscilante que faz a moldura de madeira ranger.

A ponta dos meus dedos se move da cera até o parapeito da janela, sentindo o vento passar por entre as frestas. Está ficando mais forte.

Quando eu era pequena, o vento cantarolava canções de ninar para mim. Eram sons alegres, sussurrados, agudos, que preenchiam o espaço ao meu redor de modo que, mesmo quando tudo parecia silencioso, na verdade, não era. Eu vivi a vida inteira com este vento.

Mas há algo de diferente esta noite. Como se um novo acorde de música tivesse entrado na melodia, um mais triste e mais grave do que os outros. Nossa casa fica na fronteira norte da aldeia de Near, e, para além do vidro gasto, a charneca se desenrola como se saísse de uma bobina de tecido: colina atrás de colina coberta com relva, salpicada de pedras, com um ou dois rios no caminho. Parece não ter fim, e é como se o mundo fosse pintado de preto e branco, nítido e imóvel. Algumas poucas árvores brotam da terra em meio às pedras e às ervas daninhas, porém mesmo com todo esse vento, tudo parece estranhamente estático. Mas eu poderia jurar que vi...

Alguma coisa se move de novo.

Dessa vez eu consigo enxergar. Lá no fim do nosso jardim, na linha invisível onde termina a aldeia e começa a charneca, um vulto se move na escuridão da noite. A sombra tremula, dá um passo à frente e capta um feixe de luar.

Aperto os olhos com as mãos apoiadas no vidro frio. O vulto é uma pessoa, mas sua figura é muito tênue, como se o vento estivesse lhe arrancando pedaços. O luar ilumina a frente do vulto, tecido e pele, uma garganta, um queixo, uma bochecha.

Não existem estranhos na aldeia de Near. Já vi todos os rostos daqui milhares de vezes, mas nunca vi este.

A figura masculina está parada lá, olhando para o lado. E, no entanto, ela não está lá *completamente*. Alguma coisa no modo como a luz fria e azulada toca seu rosto me faz acreditar que eu poderia passar as mãos através dela. A silhueta está borrada, misturando-se com a noite, como se ela estivesse se movendo rápido demais, mas deve ser efeito do vidro velho, porque ela está imóvel. Está em pé ali, olhando para o nada.

As velas tremeluzem ao meu lado e, lá fora, na charneca, o vento fica mais forte e o corpo do estranho parece se mover e desvanecer. Sem pensar muito, me

apoio na janela e busco a tranca para abrir, falar, chamar o vulto de volta, e, então, ele se mexe. Vira o rosto na direção da casa, da janela, na minha direção.

Fico sem fôlego quando seu olhar encontra o meu. Olhos tão escuros quanto as pedras do rio e, ainda assim, brilhantes, transbordando luar. Olhos que se arregalam ligeiramente ao encararem os meus. Uma olhada só, longa e contínua. E então, em um instante, o estranho parece se desfazer e uma forte rajada de vento faz as venezianas baterem contra o vidro.

O barulho acorda Wren, que balbucia alguma coisa, se levanta da cama ainda meio dormindo e cambaleia pelo cômodo banhado pelo luar. Ela nem me vê parada ali ao lado da janela, encarando as venezianas de madeira que encobriram o estranho e a charneca. Ouço-a caminhar pelo corredor, abrir a porta do quarto da nossa mãe e ir lá para dentro. O cômodo fica silencioso. Faço um esforço para abrir a janela, a madeira emperrada lutando contra, mas consigo abrir a veneziana novamente.

O estranho foi embora.

Tenho a sensação de que deveria haver uma marca no ar onde ele estava, mas não há qualquer rastro. Posso olhar o tempo que for, não há nada além de árvores, pedras e colinas.

Encaro aquela paisagem vazia e parece impossível que eu o tenha visto, que tenha visto qualquer pessoa. Afinal, não existem estranhos na aldeia de Near. Não existem há muito tempo, desde antes de eu nascer, de a casa ser construída, do Conselho... E ele nem parecia real, nem parecia *estar lá*. Esfrego os olhos e percebo que estava prendendo a respiração.

Uso esse ar para apagar as velas.



— LEXI.

A luz entra em meio aos lençóis. Puxo as cobertas para cima na tentativa de recriar a escuridão e minha mente volta para a noite anterior, para os vultos na charneca iluminada pelo luar.

— Lexi. — Ouço minha mãe me chamar de novo e, dessa vez, a voz dela adentra o casulo de cobertores e posiciona-se ao meu lado junto com a luz da manhã. A lembrança difusa da noite começa a desaparecer.

De dentro do meu ninho, ouço passos no piso de madeira seguidos por uma pausa. Eu me preparo, completamente imóvel, e alguém se joga na cama. Pequenos dedinhos puxam o cobertor de cima do meu rosto.

— Lexi — diz outra voz, mais aguda que a da minha mãe. — Acorde. — Continuo fingindo que estou dormindo. — Lexi?

Estendo os braços em meio aos lençóis e prendo minha irmã em um abraço com o cobertor.

— Peguei você! — digo.

Wren solta um gritinho. Ela se liberta e eu luto para me livrar das cobertas. Meu cabelo escuro está todo bagunçado sobre meu rosto. Sinto as mechas rebeldes enquanto Wren ri daquele seu jeito barulhento, sentada à beira da cama. O cabelo dela é loiro e muito liso. Nunca se move da lateral de seu rosto, nunca fica arrepiado. Enfio os dedos por entre os fios, tentando bagunçá-los, mas ela apenas balança a cabeça, ri e o cabelo volta ao seu lugar, perfeito e arrumado.

Esses são nossos rituais matinais.

Wren se levanta e vai até a cozinha. Já estou de pé e, no caminho até a cômoda para pegar umas roupas, meus olhos se voltam para a janela, para o vidro e a manhã lá fora. A charneca, com sua grama emaranhada e pedras espalhadas, parece tão vasta e suave assim à luz do dia. É quase um mundo diferente na manhã cinzenta. É difícil não imaginar se o que eu vi ontem não passou de um sonho. Se *ele* era apenas um sonho.

Toco o vidro para examinar a temperatura lá fora. Estamos no fim do verão, aquele momento em que os dias podem ser quentinhos e agradáveis ou gelados e revigorantes. O vidro está frio, mas meus dedos produzem pequenas marcas de calor. Tiro as mãos dali.

Faço o possível para desembaraçar o cabelo e prendo-o em uma trança.

— Lexi! — chama de novo minha mãe. O pão deve estar pronto.

Ponho um vestido longo e simples, ajustado na cintura. Daria tudo por uma calça. Tenho quase certeza de que meu pai teria se apaixonado pela minha mãe se ela usasse calças e chapéu de caça, mesmo se já tivesse passado dos dezesseis, a idade de se casar. Minha idade. *Idade de se casar*, penso com deboche, olhando com desânimo para um par de sapatos femininos. São verde-claros e de sola fina, péssimos substitutos para as botas de couro do meu pai.

Olho para meus pés descalços, cheios de marcas dos quilômetros que já caminhei pela charneca. Preferia ficar aqui fazendo as entregas do pão da minha mãe, ou então ficar velha e encurvada como Magda e Dreska Thorne, do que ser obrigada a usar saias e sapatos rebuscados e me casar com um garoto da aldeia. Calço os sapatos.

Já me vesti, mas ainda tenho a sensação de estar esquecendo alguma coisa. Vou até a mesinha de madeira ao lado da cama e suspiro ao ver a faca do meu pai embainhada na tira de couro escuro, o cabo já gasto pela pegada da mão dele. Gosto de colocar meus dedos finos sobre as marcas. É como se eu pudesse sentir a mão dele na minha. Costumava usá-la todos os dias, até que a irritação de Otto começou a passar dos limites, mas ainda assim às vezes eu me arriscava. Devo estar me sentindo corajosa hoje, porque fecho os dedos ao redor da faca e a sensação daquele peso é muito boa. Coloco-a ao redor da cintura como um cinto, a lâmina protegida tocando a parte inferior das minhas costas, e me sinto segura de novo. Vestida.

— Lexi, venha logo! — chama minha mãe, e eu me pergunto por que toda essa pressa, já que os pães da manhã vão esfriar antes mesmo de eu chegar aos

compradores. Mas então ouço uma segunda voz através das paredes, um murmúrio grave e tenso que contrasta com o tom mais agudo da minha mãe. Otto. Entro na cozinha e sou recebida pelo cheiro de pão levemente queimado.

— Bom dia — digo, encarando os dois pares de olhos, um claro e cansado, mas que não pisca, e o outro escuro sob a testa franzida. Os olhos do meu tio parecem muito com os do meu pai, o mesmo marrom profundo emoldurado por cílios escuros. Porém, enquanto os do meu pai estavam sempre alegres, os de Otto são linhas retas, imóveis. Ele se inclina para a frente, os ombros largos por cima do café.

Vou até o outro lado do cômodo e dou um beijo na bochecha da minha mãe.

— Até que enfim — diz meu tio.

Wren passa por trás de mim e o abraça pela cintura. Ele amolece um pouco, passa a mão pelo cabelo dela e, então, ela sai correndo, só vejo um borrão de tecido passando pela porta. Otto se vira para mim como se esperasse uma resposta, uma explicação.

— Por que a pressa? — pergunto, e o olhar da minha mãe vai em direção à tira de couro na minha cintura, mas ela não diz nada, apenas se vira de costas e vai deslizando até o fogão. Os pés da minha mãe quase nunca tocam o chão. Ela não é linda nem charmosa, só mesmo daquele jeito que toda mãe parece ser para as filhas, mas ela simplesmente flutua.

Esses também são rituais matinais. O beijo da minha mãe. A presença de Otto na cozinha, tão habitual que ele já podia deixar a própria sombra por ali. Sua expressão austera quando me olha de cima a baixo e para na faca do meu pai. Acho que ele vai fazer algum comentário, mas isso não acontece.

— Você chegou cedo, Otto — digo, pegando uma fatia de pão quente e uma caneca.

— Não tão cedo quanto deveria — responde ele. — A cidade inteira já está em polvorosa.

— Por quê? — pergunto, me servindo chá do bule ao lado da lareira.

Minha mãe se vira para nós, as mãos cheias de farinha.

— Precisamos ir até a cidade.

— Há um estranho por aí — resmunga Otto, bebendo de sua xícara. — Apareceu ontem à noite.

Quase deixo o bule cair e por pouco não queimo as mãos.

— Um estranho? — pergunto, ajeitando o bule.

Então não foi um sonho nem um fantasma. Havia *mesmo* alguém ali.

— Quero saber o que ele veio fazer aqui — diz meu tio.

— Ele ainda está aqui? — indago, com dificuldade para reprimir a curiosidade em minha voz. Bebo um gole de chá e queimo a boca. Otto acena brevemente com a cabeça e termina sua xícara, e, antes que eu morda minha língua, as perguntas começam a transbordar. — De onde ele veio? Alguém falou com ele? Onde está agora?

— Chega, Lexi. — As palavras de Otto quebram o aconchego da cozinha. — É tudo boato por enquanto. Muita gente falando ao mesmo tempo. — Ele começa a se transformar ali diante de mim, as costas eretas, mudando da versão tio para a versão Defensor da aldeia, como se o título tivesse um peso literal. — Ainda não sei quem é o estranho, de onde ele veio nem quem o abrigou, mas pretendo descobrir.

Então alguém lhe ofereceu abrigo. Mordo o lábio para disfarçar um sorriso. Acho que sei quem está escondendo o estranho. O que quero saber é *por quê*. Engulo o chá ainda quente demais e sinto o calor chegar até o estômago, e morro de vontade de sair dali. Quero ver se estou certa. Se eu estiver, quero chegar lá antes do meu tio. Otto se levanta da mesa.

— Pode ir na frente — sugiro, fingindo um sorriso inocente.

Otto solta uma risada bruta.

— Acho que não. Hoje não.

A decepção cobre meu rosto.

— Por que não?

Otto franze as sobrancelhas.

— Eu sei muito bem o que você quer, Lexi. Quer ir procurá-lo sozinha. Não vou deixar você fazer isso.

— O que eu posso dizer? Sou filha do meu pai.

Otto assente com um sorrisinho.

— Isso é claro como água. Agora, vá se arrumar. Vamos *todos* juntos para a aldeia.

Levanto uma sobrancelha.

— Não estou arrumada?

Otto se apoia devagar sobre a mesa. Seus olhos escuros encaram os meus como se pudesse me intimidar apenas com o olhar. Mas a força do olhar dele não é tão forte quanto a da minha mãe ou a minha, e não consegue exprimir tantas coisas. Eu encaro de volta com serenidade, aguardando a última parte do nosso ritual matinal.

— Tire essa faca da cintura. Você parece uma tola.

Eu o ignoro, termino minha torrada e me viro para minha mãe.

— Estarei no jardim quando vocês dois estiverem prontos.

A voz de Otto preenche a cozinha atrás de mim depois que saio.

— Você devia educar direito essa menina, Amelia — resmunga ele.

— Seu irmão achou que era adequado ensinar a ela o ofício dele — responde minha mãe, embalando os pães.

— Amelia, não é certo que uma menina, principalmente na idade dela, fique andando por aí com coisas de garotos. Não pense que não reparei que ela fica usando botas. É tão ruim quanto andar descalça. Ela tem ido às aulas na aldeia? Helena Drake já sabe costurar, cozinhar e cuidar... — Quase consigo ver seus dedos passando pelo cabelo escuro, depois pela barba e pelo rosto, como ele sempre faz quando está frustrado. *Não está certo. Não é adequado.*

Logo quando comecei a parar de prestar atenção neles, Wren surgiu do nada no jardim. Ela parece mesmo um passarinho. Sai voando em um piscar de olhos. Aterrissa no outro. Ainda bem que ela é barulhenta, senão suas chegadas repentinas dariam sempre um susto.

— Aonde vamos? — pergunta, animada, me abraçando pela cintura.

— Para a aldeia.

— Pra quê? — Ela solta meu vestido e recua para me olhar.

— Para vender você — digo, tentando manter o rosto sério. — Ou talvez dar você de graça mesmo.

Não aguento e sorrio.

Wren franze a testa.

— Não acho que seja pra isso.

Solto um suspiro. Essa menina pode até parecer um emaranhado de alegria e pureza, mas não se assusta fácil como uma criança de cinco anos deveria se assustar. Ela olha para cima, para além da minha cabeça, e eu olho também. As nuvens no céu estão se concentrando, se juntando como fazem todo dia. Como se fosse uma peregrinação, era o que meu pai dizia. Me afasto da minha irmã e vou caminhando na direção da casa de Otto, além dela, atrás das colinas, está a aldeia. Quero chegar lá o mais rápido possível e ver se meu palpite sobre o estranho está correto.

— Vamos — diz meu tio, minha mãe logo atrás dele.

Otto dá uma última olhada na faca em minha cintura, mas só resmunga e segue a trilha. Eu sorrio e vou atrás.



A aldeia de Near tem formato de círculo. Não há muros ao redor, mas todo mundo parece saber onde termina a aldeia e começa a zona rural. Há muros de pedra pela aldeia, todos batendo no máximo na minha cintura e quase que tomados pelas ervas daninhas e pela relva. Eles contornam punhados de chalés que se espalham por colinas e campos vazios até chegar ao centro da aldeia, onde as casas já aparecem em maior quantidade. O centro da cidade fica cheio de costureiras, carpinteiros e quem mais conseguir trabalhar tão perto um do outro. A maior parte dos moradores vive próximo à praça. Ninguém se aventura muito na charneca se puder evitar, mas há alguns chalés, incluindo o nosso e o das irmãs Thorne, que ficam no limite da cidade, bem na fronteira onde Near e a charneca se encontram. Só os caçadores e as bruxas vivem nessa área, dizem.

Logo o círculo mais denso de casas já aparece à vista. Os imóveis, feitos em pedra talhada, acabamento em madeira e telhado de palha, ficam todos amontoados. As casas mais novas são mais claras, as antigas já estão escurecidas pelas tempestades, o musgo e as ervas daninhas. Há trilhas estreitas e já bem gastas em meio a cidade.

Dá para ver, mesmo à distância, que, no centro de Near, está cheio de gente.

As notícias se espalham como ervas daninhas em um lugar tão pequeno.

Quando chegamos à praça, a maioria dos moradores já está circulando, fofocando e resmungando. À medida que vão chegando, eles se separam em círculos e vão se dividindo em grupinhos cada vez menores. Isso me lembra das nuvens, só que ao contrário. Otto vai atrás de Bo e de seus outros homens, provavelmente para distribuir ordens. Minha mãe vê algumas das outras mães e dá um aceno cansado. Solta a mão de Wren, e minha irmã sai em disparada para o meio da multidão.

— Tome conta dela — ordena minha mãe, já se virando para encontrar o grupo do outro lado da praça.

Eu tenho outros planos, mas nem me dou ao trabalho de tentar argumentar contra. Minha mãe não pede. Ela apenas olha. Aquele olhar que diz: “Meu marido morreu, meu cunhado dá trabalho demais e eu tenho muito pouco tempo para mim mesma, então, a não ser que você queira ser um fardo para sua pobre mãe, seja uma boa filha e cuide da sua irmã.” Tudo isso só com um único olhar. Minha

mãe é uma mulher poderosa, de certa forma. Assinto e vou atrás de Wren tentando ouvir as conversas que zunem ao meu redor sobre todos os boatos.

Ao procurar Wren, passo por Otto e Bo, que conversam em voz baixa. Bo, um homem magro de andar meio claudicante, é bem mais novo que meu tio. Ele tem o nariz comprido e os cachos castanhos caem sobre a testa, mas o cabelo está rareando nas laterais, o que lhe confere um aspecto meio pontiagudo.

— ... Eu o vi perto da minha casa — diz Bo. — Era cedo e não estava tão escuro, mas também era tarde o suficiente para não confiar totalmente em meus olhos.

Wren vai um pouco mais longe, e Otto me lança um olhar, inclinando a cabeça para o lado. Eu me viro e vou embora, mas registro que Bo mora no lado oeste da aldeia, então o estranho deve ter dado a volta em Near naquela direção. Encontro Wren e passo por duas famílias da parte sul da cidade. Diminuo o passo, com cuidado para não perder minha irmã de vista.

— Não, John, eu juro que ele é alto como uma árvore — grita uma mulher mais velha, os braços abertos como um espantalho.

— Você está doida, Berth. Eu o vi, e ele é velho, muito velho, quase decrepito.

— Ele é um fantasma.

— Fantasmas não existem! Ele é um ser híbrido, parte homem, parte corvo.

— Rá! Então fantasmas não existem, mas pessoas metade corvo, sim? Você não o viu.

— Eu vi, eu juro.

— Ele deve ser um bruxo — opina uma jovem.

O grupo fica em silêncio por um momento, até que John volta a falar, meio enfático demais, ignorando o comentário.

— Não, se ele for essa coisa de corvo, então é um bom presságio. Corvos são bons presságios.

— Corvos são presságios terríveis! Você perdeu a cabeça, John. Eu sei que já disse isso semana passada, mas estava errada. Agora você perdeu de vez ...

Perdi Wren.

Olho ao redor e finalmente vejo uma mecha de cabelo loiro se misturando a um grupo de crianças. Chego até eles e vejo minha irmã, bem menor que a maioria, mas tão barulhenta quanto, e duas vezes mais rápida. Estão de mãos dadas se preparando para a brincadeira. Uma menina chamada Cecilia, um ano mais velha que Wren, toda magrinha, em uma saia cor de urze, segura a mão da minha irmã. Cecilia tem sardas que parecem manchinhas de lama no rosto e que

vão se espalhando pelas bochechas, até chegar ao cabelo ruivo cacheado. Observo enquanto ela balança a mãozinha de Wren para a frente e para trás até que um vulto tropeça na lama ali do lado e solta um choramingo.

Edgar Drake, um garoto de cabelo loiro quase branco, está sentado na lama esfregando as palmas das mãos.

— Você está bem? — pergunto, me abaixando para examinar as mãos raladas.

Ele morde o lábio e consegue assentir, e eu limpo suas mãos com meus dedos do jeito mais suave possível.

Ele tem a idade de Wren, mas ela parece indestrutível, enquanto ele é uma colcha de retalhos de cicatrizes e arranhões por causa dos tombos constantes. A mãe dele, costureira da aldeia, já remendou as roupas do menino tantas vezes quanto já precisou remendar o próprio filho. Edgar continua encarando os dedos com o olhar triste.

— O que a Helena faz para melhorar? — pergunto com um sorriso. Helena é minha melhor amiga e irmã mais velha de Edgar, e está sempre mimando-o.

— Dá um beijo — murmura ele, ainda mordendo o lábio.

Dou um beijo em cada palma. Eu me pergunto se Wren seria tão frágil e se abalaria por qualquer corte ou arranhão se eu a mimasse desse jeito. Bem nessa hora ela solta uma gargalhada e nos chama.

— Edgar, venha logo! — grita ela, se balançando na ponta dos pés enquanto espera a brincadeira começar. Ajudo o menino a se levantar e ele quase tropeça de novo no meio do caminho. Que garotinho desastrado. Ele chega até o círculo, entra ao lado de Wren e segura sua mão direita, ombro com ombro.

Observo enquanto a brincadeira se desenrola. É a mesma que eu costumava fazer, com Tyler de um lado e Helena do outro. A brincadeira de girar. Começa com uma música, a Canção da Bruxa. A canção existe há tanto tempo quanto as histórias de ninar sobre a Bruxa de Near, o que, aparentemente, é tão antigo quanto a charneca em si. A música gruda na cabeça, tanto que parece que o próprio vento aprendeu a assobiá-la. As crianças dão as mãos. Começam a girar devagar enquanto cantam.

*O vento na charneca canta pra mim
A grama, as pedras e o mar ao longe sem-fim
Todos os corvos observam do muro
Todas as flores crescem com apuro
Pr'aquele jardim onde nós íamos ficar*

Pra ouvir a bruxa e vê-la brincar

As crianças cantam mais rápido e vão aumentando a velocidade do rodopio. Essa brincadeira sempre me lembra da maneira como o vento faz voar folhas caídas, girando-as em pequenos círculos vertiginosos.

*Ela falou com a terra e a terra estalou
Falou com o vento e ele soprou
Falou com o rio e ele se agitou
Falou com o fogo e ele serpenteou
Mas o garotinho Jack ficou ali tempo demais
Ouvuiu muito de perto a bruxa e seus vocais*

Mais rápido.

*Na cama do garotinho, seis flores diferentes
A casa dela queimou e ela fugiu de repente
Da charneca ela foi expulsa e excluída
Bruxa de Near, Bruxa da Charneca, já não mais havia*

E ainda mais rápido.

*A bruxa ainda canta para as colinas
Sua voz é alta e sua voz é límpida
Por baixo da porta, os sons escapam
Através do vidro, as palavras entram
A Bruxa de Near canta pra mim*

E então a música começa de novo.

O vento na charneca canta pra mim...

As palavras rodopiam sem parar em torno deles, até que a certa altura as crianças caem, rindo e exaustas. O vencedor é o último a permanecer de pé. Wren consegue resistir mais do que a maioria, porém, em dado momento, ela mesma termina derrubada na lama, sorridente e sem fôlego. As crianças se levantam meio cambaleantes e se preparam para uma nova rodada da brincadeira, enquanto

minha mente gira ao redor do mistério do estranho, com sua silhueta borrada e aqueles olhos que pareciam ter sugado a luz da lua.

Quem é ele? Por que está aqui? Então me pergunto: Como ele desapareceu? Como simplesmente se desfez?

Fico de olho em Wren enquanto dou uma circulada para prestar atenção nas conversas. Muitas pessoas dizem ter visto o vulto, mas não acredito em todas elas. Acredito que ele passou do lado oeste, perto de Bo, e ao norte, perto de mim. Parece ter caminhado pela linha invisível que separa Near da charneca, embora eu não tenha ideia de como ele reconheceu aquela fronteira.

A risada das crianças é substituída por uma voz familiar e, quando me viro, Helena está sentada em um dos muros baixos que vão diminuindo de tamanho ao longo de toda a extensão da praça. Ao redor dela há um grupo de homens e mulheres que talvez sejam as únicas pessoas na aldeia que não estão conversando. Na verdade, estão todos em silêncio, prestando atenção em Helena. Ela me olha de relance e dá uma piscadela antes de se voltar novamente para a plateia.

— Eu o vi — diz ela. — Estava escuro, mas sei que era ele.

Ela tira uma fita do cabelo e a coloca no pulso, deixando cair sobre os ombros os fios loiros quase brancos, iguais aos de Edgar. Helena, que nunca consegue falar alto nem ser ousada o suficiente, está ali sob os holofotes, absorvendo cada gota de atenção que lhe dão.

Faço uma careta. Ela não está mentindo. Suas bochechas pálidas sempre ficam vermelhas ao menor sinal de lorota, mas as palavras que saem de sua boca são suaves e confiantes, as bochechas em seu tom rosado de sempre.

— Ele era alto, magro, com cabelo bem escuro que caía sobre o rosto.

A multidão solta um murmúrio coletivo e vai crescendo à medida que as pessoas saem de outros grupos para ir até ali. Pela praça da cidade vai correndo o boato de que alguém conseguiu dar uma boa olhada no estranho. Vou me esgueirando entre as pessoas até chegar ao lado dela, muitas perguntas pipocando ao nosso redor. Aperto o braço de Helena.

— Aí está você! — exclama ela, me puxando para perto.

— O que está acontecendo? — pergunto, mas meu questionamento é engolido por dezenas de outros.

— Ele falou com você?

— Para onde ele estava indo?

— Qual era a altura dele?

— Deixem-na respirar — digo, e percebo que meu tio está do outro lado da praça. Ele viu a multidão se reunir em volta de Helena e está vindo em nossa direção para averiguar. — Só um minutinho.

Puxo Helena para o lado.

— Você o viu mesmo? — sussurro no ouvido dela.

— Eu vi! — sussurra ela de volta. — E, Lexi, ele era lindo. E estranho. E jovem! Queria que você tivesse visto também.

— Também queria — cochicho.

Há um zunido excessivo de vozes falando sobre o estranho, de olhos procurando por ele. Não vou acrescentar os meus. Não agora.

O grupo ao nosso redor cresceu e as perguntas redobram. Otto vem andando pela praça.

— Conte pra gente, Helena.

— Conte o que você viu.

— Conte onde ele está — diz uma voz masculina, em um tom que carrega algo mais grave do que apenas curiosidade. Bo.

Helena se vira para responder, mas eu agarro seu braço e a puxo para perto com um pouco de força. Ela solta um gritinho.

— Lexi! — cochicha. — Calma.

— Hel, isso é importante. Você sabe onde ele está agora?

— Sim — responde. Seus olhos brilham. — Você não sabe? Lexi, a grande rastreadora, com certeza você já deduziu.

Otto está logo atrás da multidão e toca o ombro de Bo, que sussurra algo para ele.

— Helena Drake — chama Otto, por cima da multidão. — Uma palavrinha.

Ela desce do muro. Aperto o braço dela com mais força.

— Não conte a ele.

Ela olha para mim por cima do ombro.

— E por que não?

— Você conhece meu tio. Tudo o que ele quer é que esse estranho vá embora. — Embora dali e que tudo volte a ser como era, seguro e igual. Ela franze as sobrancelhas claras. — Só um tempinho de vantagem, Helena. É só isso que peço. Para avisar a ele.

A multidão se abre para meu tio passar.

— Bom dia, sr. Harris — diz Helena.

Do outro lado da praça, um sino toca, depois outro mais baixo, e um terceiro, ainda mais baixo. O Conselho. Otto para e se vira na direção do barulho. Três homens mais velhos que o mundo aguardam na porta de uma das casas, em pé nos degraus para serem vistos. Mestre Eli, Mestre Tomas e Mestre Matthew. Eles têm a voz mais fraca por causa da idade e, por isso, usam os sinos em vez de gritar para chamar a atenção da multidão. Eles não fazem nada além de envelhecer. Quando o Conselho começou, era formado pelos três homens que enfrentaram a Bruxa de Near e a expulsaram. Mas esses três esqueletos sobre os degraus são o Conselho apenas no papel, os herdeiros do poder. Ainda assim, há algo no olhar deles, algo frio e cortante, que faz as crianças sussurrarem e os adultos abaixarem a cabeça.

As pessoas caminham, diligentes, em direção aos velhos. Meu tio fecha a cara sem saber se interroga Helena ou segue a multidão. Ele bufa, resmunga, mas caminha de volta para o outro lado da praça. Helena me olha uma última vez e, então, vai atrás dele.

Essa é minha única chance.

Vou me esgueirando ao longo do muro, na direção oposta à de meu tio e do grupo de moradores. Já fora da praça, vejo Wren com as outras crianças de relance. Minha mãe está ao lado dela agora. Otto se posiciona bem ao lado dos três homens velhos, já com sua expressão de Defensor no rosto. Ninguém vai sentir minha falta.

— Como vocês ouviram dizer... — diz Mestre Tomas para a multidão, que fica em silêncio. Ele é mais alto até do que Otto e a voz, apesar de fraca, ressoa de um jeito impressionante. — ... temos um estranho entre nós.

Eu pego o caminho entre duas casas, que dá em uma trilha que vai para o leste. Helena está certa: eu sei onde o estranho está.

Quase todo mundo já tinha se reunido na praça quando nós chegamos. Exceto duas pessoas. Não que elas costumem aparecer muito, mas a presença de um estranho deveria ser suficiente para fazer até as irmãs Thorne saírem de casa e virem até Near. A não ser que ele esteja com elas.

Ando pelas ruas na direção leste até não ouvir mais os sons da cidade e sentir o vento aumentar.



MEU PAI ME ENSINOU muita coisa sobre bruxas.

Bruxas conseguem fazer a chuva cair e invocar pedras. Conseguem fazer o fogo serpentear e dançar. Conseguem mover a terra. Conseguem controlar os elementos. Do mesmo jeito que Magda e Dreska Thorne conseguem. Uma vez perguntei o que eram e elas me responderam: *velhas. Velhas como pedras.* Mas não é só isso. As irmãs Thorne são bruxas, de verdade. E bruxas não são bem-vindas aqui.

Caminho para a casa das irmãs. A trilha é estreita e está meio esmaecida, mas nunca se apaga por completo, apesar de tão pouca gente andar por ali. Foi se desgastando e se misturando à vegetação. O chalé das irmãs fica atrás de um bosque, no topo de uma colina. Sei quantos passos preciso dar para chegar até lá, tanto saindo de casa quanto do centro de Near, e conheço todo tipo de flor que cresce no caminho, todos os desníveis do chão.

Meu pai me levava lá.

E mesmo agora, sem ele, eu venho para cá. Já fui ao chalé delas muitas vezes, atraída por seu charme estranho, só para observá-las colher ervas, fazer uma pergunta ou dar um oi. Todas as outras pessoas da aldeia dão as costas para as irmãs, fingem que elas não estão aqui, e parecem quase conseguir esquecer a presença delas. Mas, para mim, elas são como a gravidade, com um estranho poder de atração, e sempre que não tenho nada para fazer, meus pés acabam me levando na direção daquela casa. É o mesmo tipo de gravidade que senti vindo da janela

ontem à noite, que me atraiu para o desconhecido na charneca. Uma espécie de peso que nunca entendi muito bem, mas meu pai me ensinou a confiar nisso tanto quanto nos meus olhos, então eu obedeco.

Eu me lembro da primeira vez que ele me levou para ver as irmãs. Eu devia ter uns oito anos, mais velha do que Wren é agora. A casa toda cheirava a terra, algo forte, robusto e fresco, tudo ao mesmo tempo. Eu me lembro dos olhos verdes penetrantes de Dreska e do sorriso encurvado de Magda, suas costas encurvadas, tudo encurvado. Elas nunca mais me deixaram entrar, não desde que ele morreu.

As árvores se assomam ao meu redor quando entro no bosque.

Paro e de cara sei que não estou sozinha. Algo está respirando e se movendo ligeiramente fora do meu campo de visão. Prendo a respiração e deixo que a brisa, o silêncio e os suspiros da charneca se misturem com o som ambiente. Vasculho com meus ouvidos, aguardando que algum barulho se sobreponha ao mar de sussurros, vasculho com os olhos, aguardando que algo se mexa.

Meu pai me ensinou a rastrear, a ler o chão e as árvores. Ele me ensinou que tudo tem uma linguagem e que, se você souber interpretar, pode fazer o mundo inteiro falar. *A grama e a terra guardam segredos*, dizia ele. *O vento e a água carregam histórias e alertas*. Todo mundo sabe que as bruxas nascem como são, não se tornam bruxas depois, mas, quando era mais nova, eu achava que ele tinha descoberto um jeito de trapacear, de persuadir o mundo a conspirar em favor dele.

Algo se move em meio às árvores bem ao meu lado direito.

Eu me viro e um punhado de galhos se afasta de um tronco. Percebo que não são galhos. Chifres. Um cervo saltita entre as árvores com suas pernas finas. Suspiro aliviada e volto à trilha, e então uma sombra se mexe mais à frente no bosque.

O lampejo de um tecido escuro.

Pisco e ele já sumiu, mas posso jurar que vi o relance de uma capa cinzenta em meio às árvores.

Ouço um estalo alto atrás de mim, me viro em um pulo e dou de cara com Magda, pequena, abaixada e olhando para mim. Seu olho esquerdo é de um azul frio, mas o direito é feito de algo escuro e sólido, como madeira envelhecida. Aquele olhar de dois tons diferentes está a poucos centímetros do meu rosto. Solto a respiração que nem sabia estar prendendo e a mulher de cabelo cheio, prateado, e pele envelhecida balança a cabeça. Ela dá uma risada, com os dedos encurvados segurando uma cesta.

— Você pode ser boa em rastrear, querida, mas se assusta fácil que nem um coelho. — Ela me cutuca com o dedo longo e ossudo. — E não, não há muita coisa aqui para rastrear.

Olho de novo, mas a sombra desapareceu.

— Oi, Magda — digo. — Estava indo visitar vocês.

— Eu imaginei — diz ela, piscando o olho bom. Por um breve momento, o olho escuro me encara e sinto um arrepio. — Venha, então. — Ela segue pelo bosque na direção da colina e da casa. — Vamos tomar um chá.



Em três anos, nunca fui convidada para entrar.

Agora, Magda me conduz até o chalé em silêncio enquanto as nuvens acima vão ficando mais escuras. É uma caminhada lenta, porque ela precisa dar três passos para cada um dos meus. O vento sopra forte e meu cabelo está escapando da trança, os cachos revoando ao redor do rosto e no pescoço, e Magda seguindo ao meu lado.

Eu sou uns vinte centímetros mais alta do que ela, mas imagino que hoje ela seja mais baixa do que já foi um dia, então parece meio injusto comparar nossa altura. Ela se move mais como uma folha levada pelo vento do que como uma senhora, se balançando e alterando a rota enquanto sobe a colina que dá na casa que divide com a irmã.

Ao longo da minha infância em Near, ouvi dezenas de histórias sobre bruxas. Meu pai odiava essas histórias, dizia que tinham sido inventadas pelo Conselho para assustar as pessoas.

— O medo é um negócio estranho — dizia. — Tem o poder de fazer as pessoas fecharem os olhos, fingirem não ver. Nada de bom nasce do medo.

O chalé está lá nos esperando, tão torto quanto as mulheres para quem foi construído, a base da estrutura meio inclinada para cima, o telhado em um ângulo totalmente diferente. Nenhuma das pedras empilhadas parece estar no lugar certo, como as do centro da cidade. Essa casa é tão antiga quanto Near e foi se deteriorando ao longo dos séculos. Fica no extremo leste da aldeia, delimitada de um lado por um muro baixo de pedras e, do outro, por um galpão em ruínas. Entre o muro de pedras e a casa há dois canteiros retangulares. Um é uma pequena faixa de terra que Magda chama de jardim, e o outro, apenas um retalho de solo vazio

onde nada cresce. Talvez seja o único lugar em Near que não foi invadido pelas ervas daninhas. Não gosto do segundo canteiro. Não parece natural. Atrás do chalé fica a charneca, assim como ao norte da minha casa, cheio de colinas, pedras e árvores.

— Vai entrar? — pergunta Magda, do batente da porta.

No céu, as nuvens se juntaram e estão ainda mais escuras.

Hesito sobre a soleira da porta. Mas por quê? Não tenho motivo para ter medo das irmãs Thorne e nem da casa delas.

Respiro fundo e entro.

Ainda tem cheiro de terra, algo forte, robusto e seguro. Isso não mudou. Mas o cômodo parece mais escuro do que quando eu vinha com meu pai. Podem ser as nuvens e o outono que se aproxima, ou o fato de que ele não está lá ao meu lado, iluminando o lugar com seu sorriso. Tento reprimir um arrepio e Magda apoia a cesta em uma grande mesa de madeira antes de soltar um suspiro profundo.

— Sente-se, querida, sente-se — diz ela, apontando para uma das cadeiras.

Eu me sento.

Magda anda com dificuldade até a lareira, onde a madeira está empilhada. Olha por cima do ombro para mim de relance, e então levanta os dedos bem devagar, centímetro a centímetro pelo ar. Eu me inclino para a frente e espero para ver se ela vai mesmo me deixar ver seu dom, se vai reunir os galhos ou fazer brotar uma faísca do chão da lareira. As irmãs não fazem questão de oferecer demonstrações, então tudo que tenho são algumas olhadas de relance quando o chão treme e as pedras se mexem, a estranha gravidade que sinto quando estou por perto e o medo dos moradores da aldeia.

A mão de Magda avança por cima da lareira até a prateleira, de onde ela pega um palito longo. Só um fósforo. Sinto uma pontada de frustração e me ajeito na cadeira enquanto Magda risca o fósforo na pedra e acende o fogo. Ela se vira de volta para mim.

— Qual é o problema, querida? — Há um brilho em seus olhos. — Parece decepcionada.

— Nada — digo, me sentando ainda mais empertigada e com as mãos entrelaçadas debaixo da mesa.

O fogo se acende sob a chaleira e Magda volta para a mesa e para sua cesta. Ela tira de lá vários punhados de terra, algumas flores da charneca, ervas, sementes e uma ou duas pedras que encontrou. Magda recolhe pedacinhos do mundo todos os dias. Imagino que seja para os amuletos. Coisas pequenas. De vez em quando,

algumas dessas obras das irmãs aparecem no bolso de algum morador ou no pescoço de outros, ainda que eles aleguem não acreditar nessas coisas. Juro que já vi um amuleto costurado na saia do vestido de Helena, provavelmente para atrair a atenção de Tyler Ward. Por mim ela pode ficar com ele.

Com a exceção da coleção inusitada em cima da mesa, a casa das irmãs Thorne é perfeitamente normal. Se eu contar a Wren que estive aqui, dentro da casa de uma bruxa, ela vai querer saber o quão estranha era. Vai ser triste decepcioná-la.

— Magda — começo. — Vim aqui porque queria perguntar...

— O chá ainda não está pronto e sou muito velha para falar e ficar de pé ao mesmo tempo. Espere um minutinho.

Mordo o lábio e aguardo com a maior paciência possível enquanto ela circula por ali e pega as canecas. A brisa começa a sibilar contra as vidraças e a fazer a janela ranger. O agrupamento de nuvens está mais espesso. A água ferve.

— Não se preocupe com isso, querida, é só a charneca conversando — diz Magda ao notar que olho para a janela. Ela despeja a água dentro de xícaras pesadas através de uma tela de arame que mal segura as folhas. E então, enfim, se senta.

— A charneca fala mesmo? — pergunto, e observo o chá ficando mais escuro na xícara.

— Não do mesmo jeito que você e eu. Não com palavras. Mas ela tem seus segredos, sim. — Segredos. Era como meu pai descrevia.

— E como é o som? Como é a sensação? — pergunto, quase que para mim mesma. — Acho que deve ser mais uma sensação. Queria poder...

— Lexi Harris, mesmo se você comesse terra todos os dias e se vestisse só de ervas, ainda assim não ia chegar mais perto do que isso de entender.

A voz é de Dreska Thorne. Em um momento, a tempestade em formação estava do lado de fora, no outro, abriu a porta bruscamente e deixou a mulher ali, na soleira.

Dreska tem a mesma idade da irmã, e talvez seja até mais velha. O fato de as irmãs Thorne ainda estarem de pé, ou pelo menos claudicando, é um atestado de seu dom. Estão aqui desde a época do Conselho, e não apenas de Tomas, Matthew e Eli, mas dos ancestrais deles, o Conselho *de verdade*. Desde a época da Bruxa de Near. Desde que Near existe. Há séculos. Imagino que há pedacinhos se soltando delas, mas, quando olho bem, ainda estão ali, inteiras.

Dreska resmunga para si mesma, empurra a porta com força e finalmente consegue fechá-la antes de se virar para nós. Quando seus olhos param em mim, estremeço. Magda é redonda e Dreska é pontiaguda, uma é a bola e a outra uma bola cheia de espinhos. Até mesmo a bengala de Dreska é pontiaguda. Parece ter sido entalhada das pedras e, quando ela está irritada ou contrariada, os cantos parecem até se afiar ainda mais. Enquanto um dos olhos de Magda é escuro como madeira envelhecida ou pedra, ambos os de Dreska são de um verde profundo, a cor do musgo colado às pedras. E agora estão pousados em mim. Engulo em seco.

Já estive sentada nesta cadeira uma vez, enquanto meu pai apoiava as mãos nos meus ombros com cuidado e conversava com as irmãs, e Dreska olhava para ele com uma espécie de gentileza, de simpatia. Eu lembro muito bem porque nunca mais a vi olhar daquele jeito para ninguém.

Do lado de fora, a chuva começa a cair, gotas espessas sobre as pedras.

— Dreska está certa, querida — diz Magda, quebrando o silêncio, e despeja três pedrinhas de açúcar mascavo no chá. Ela não mexe, só deixa o açúcar chegar ao fundo e formar uma película granulada. — A gente nasce como nasce. Você nasceu do jeito que você é.

Magda leva as mãos rachadas ao meu queixo.

— Só porque não consegue fazer a água correr ao contrário ou as árvores se desenraizarem sozinhas...

— Habilidades que a maioria das pessoas não vê com bons olhos — interrompe Dreska.

— ... não significa que você não seja parte desse lugar — conclui Magda. — Todas as almas que nasceram na charneca têm a charneca dentro delas. — Ela se vira para a xícara, o olhar desfocado sobre o líquido escuro. — É o que faz o vento sacudir alguma coisa dentro da gente quando ele sopra. É o que nos mantém aqui, sempre perto de casa.

— Falando em casa, o que está fazendo aqui na nossa? — pergunta Dreska, séria.

— Ela estava vindo nos visitar — responde Magda, ainda olhando para o chá. — Eu a convidei para entrar.

— Por que... — questiona Dreska, prolongando as palavras — ... você faria isso?

— Pareceu uma boa ideia — diz Magda, e lança um olhar austero para a irmã. Nenhuma das duas fala mais nada.

Eu pigarreio.

As duas irmãs olham para mim.

— Bom, agora que está aqui — diz Dreska. — O que a trouxe para cá?

— Eu queria perguntar a vocês... — digo, finalmente — ... sobre o estranho.

Os olhos penetrantes de Dreska se estreitam e parecem ainda mais observadores dentro daquele ninho de rugas. As pedras da casa parecem resmungar e ranger. A chuva bate forte nas janelas e as irmãs têm uma conversa completa feita de acenos, olhares e suspiros. Algumas pessoas dizem que irmãos têm a própria língua, e acho que é verdade no caso de Magda e Dreska. Eu só sei falar inglês, e elas sabem inglês, irmã e charneca, e sabe-se lá o que mais. Alguns momentos depois, Magda respira fundo e fica de pé.

— O que tem ele? — pergunta Dreska, batendo com a bengala no chão. Do lado de fora, a chuva despenca, em pancadas cada vez menores. Não vai demorar para acabar. — Não sabemos nada sobre ele.

A chuva se transforma em um chuvisco.

— Não ofereceram abrigo para ele? — pergunto.

As irmãs ficam lá de pé, imóveis, em silêncio.

— Não estou perguntando por mal — acrescento logo. — Só queria ver e falar com ele. Nunca conheci um estranho. Só queria ver se ele é real e perguntar... — Como posso colocar em palavras? — Só me digam se estão com ele, por favor.

Nada.

Eu me sento ainda mais empertigada e mantenho a cabeça erguida.

— Eu o vi ontem à noite. Pela janela. Bo Pike diz que o viu primeiro, no lado oeste, e eu moro no norte. O estranho parecia conhecer o caminho que marca a fronteira da aldeia, e deve ter andado na direção leste. — Dou uma batidinha com o indicador na mesa. — Até aqui.

As irmãs com certeza o abrigariam. Tem que ter sido elas. Mas elas não dizem nada. Os olhos não dizem nada. Os rostos não dizem nada. É como se eu estivesse falando com estátuas.

— Vocês foram as únicas que não estavam na cidade essa manhã — digo.

Magda pisca.

— Nós somos reservadas.

— Mas vocês são as únicas que podem ter escondido...

De repente, Dreska volta à vida.

— É melhor ir para casa, Lexi — diz, ríspida. — Agora que a chuva deu uma trégua.

Olho para a janela. A tempestade parou e o céu está cinzento. O ar no cômodo é pesado, como se o lugar estivesse encolhendo. Elas me olham cautelosas, mais severas que antes. Até os lábios de Magda estão apertados em uma linha fina. Eu me levanto. Não toquei na minha xícara.

— Obrigada pelo chá, Magda — digo, e vou em direção à porta. — Desculpe incomodar vocês.

Fecho a porta com um baque atrás de mim.

Do lado de fora, o mundo é todo lama e poças d'água, e eu gostaria de ter trocado essa sandália ridícula pelas minhas botas de couro. Ando dois passos e meus pés já estão encharcados. O céu começa a abrir, as nuvens sumindo.

Olho para o oeste, para a aldeia.

Quando tinha a idade de Wren, perguntei ao meu pai por que as irmãs moravam tão longe de tudo. Ele disse que, para os moradores de Near, as coisas ou eram muito boas ou muito ruins. Ele me contou que as bruxas são como qualquer pessoa, que elas existem de todas as formas e tamanhos, podem ser boas, más, espertas ou tolas. Mas, depois da Bruxa de Near, o povo da aldeia colocou na cabeça que todas as bruxas eram más.

As irmãs ficam tão longe porque os moradores têm medo. Mas a parte mais importante é que elas *ficam*. Quando perguntei ao meu pai o porquê, ele sorriu, um daqueles sorrisos ternos que ele só dava para mim, e disse: “Esse é o lar delas, Lexi. Não vão virar as costas para ele, mesmo que ele tenha virado as costas para as duas.”

Olho mais uma vez para a colina das irmãs e vou embora. Elas estão protegendo o estranho. Tenho certeza disso.

Volto pela trilha quase apagada e passo pelo galpão que fica no lado norte do chalé.

Se elas o estão escondendo, deve haver um motivo...

Perco o fôlego por um momento.

Há uma capa cinza-escura pendurada em um prego no galpão, a bainha mais escura que o resto do tecido, como se tivesse queimado. A charneca está estranhamente silenciosa nesta tarde pós-chuva, e, de repente, tenho plena consciência do barulho que faço com meus passos na terra molhada ao me aproximar do galpão. A estrutura parece estar aos poucos perdendo a guerra contra a gravidade. É um emaranhado de vigas de madeira enfiadas no chão e que seguram um telhado bastante prejudicado. Em meio às ripas, a charneca vai tomando conta, as ervas daninhas crescem e contribuem para manter o galpão de

pé e derrubá-lo ao mesmo tempo. Há uma porta ao lado da capa, mas sem maçaneta. As vigas empenadas deixam lacunas abertas, então me apoio nelas e tento ver por uma dessas aberturas. Lá dentro está escuro e vazio.

Dou um passo para trás, suspirando e mordendo o lábio. Então, do outro lado do galpão, escuto uma respiração bem suave. Sorrio e vou andando em silêncio na direção do som; com cuidado e torcendo para que a terra absorva o barulho dos meus passos sem me entregar. Dou a volta e não há ninguém. Nem mesmo pegadas no chão.

Respiro fundo, exasperada, e caminho ao redor do galpão. Conheço os barulhos que pessoas vivas fazem, e sei que havia alguém ali. Eu o ouvi respirar, eu vi a...

Mas não há nada no prego, a capa não está mais lá.



APERTO O PASSO na direção de casa, frustrada e morrendo de frio de tanto arrastar os pés na grama enlameada. Minhas sandálias estão destruídas. O caminho faz uma bifurcação, uma trilha estreita dá na cidade, a outra dá a volta em Near até a minha casa. Pego o rumo de casa, tiro os sapatos encharcados e ando descalça mesmo, sucumbindo à lama. Ela cobre meus pés, meus tornozelos e chega até a panturrilha, e eu penso na língua afiada de Dreska me dizendo que mesmo se eu comesse terra, não conseguiria ficar mais próxima da charneca. Imagino que me cobrir de lama também não vai ajudar muito.

A certa altura, vejo a casa de Otto, e a nossa logo atrás. A charneca se espalha depois do nosso jardim, flutuando como se fosse uma capa. Há uma pilha de troncos de um lado da casa e uma pequena horta de vegetais do outro, punhados de verde misturados com laranja e vermelho. A horta pertence mais a Wren do que a mim. Poucas coisas crescem no solo da charneca, mas Wren adora nosso canteirinho e revela um inesperado traço de gentileza quando está cuidando dele. É claro que ela está lá agora, agachada em uma pedra bem no limite do canteiro e arrancando com cuidado uma erva daninha da terra.

— Você voltou! — exclama ela quando me aproximo.

— Claro. Onde está todo mundo? — Sair da praça da cidade não foi exatamente minha fuga mais sutil e certamente meu tio vai ter algo a dizer.

— Wren. — A voz da minha mãe serpenteia como fumaça vinda da casa e um segundo depois ela está parada no batente da porta, o cabelo escuro e fino

formando cachos ao redor do rosto.

Wren desce da pedra e vai até ela. Os olhos da minha mãe encontram os meus.

— Lexi. Aonde você foi? — A expressão em seu rosto confirma. Otto, sem dúvida, vai querer dar uma palavrinha comigo.

— Helena tinha esquecido uma coisa para mim na casa dela — digo, a mentira se formando na minha boca assim que a formulo. — Estava tão atolada com o povo em cima dela, que me pediu para ir buscar. — Levo a mão aos bolsos do vestido para procurar alguma coisa, mas estão vazios, então rezo para minha mãe não pedir provas. Ela não o faz, só solta um pequeno suspiro e volta para dentro de casa.

Sinto saudade da minha mãe. Sinto saudade da mulher que ela era antes de o meu pai morrer, aquela que estava sempre de cabeça erguida, orgulhosa, encarando o mundo de frente com seus olhos azuis intensos. Mas, em alguns raros momentos, até que vem a calhar ela ter se transformado nessa casca de pessoa, nesse fantasma do que um dia ela já foi. Fantasmas fazem menos perguntas.

Eu me afasto da casa. Estou perdendo meu tempo de vantagem. Logo Otto vai deduzir onde o estranho está, se é que já não fez isso. Para encontrá-lo, está evidente que precisarei pegá-lo desprevenido. Mas como? Ajeito o cabelo para trás e olho para o céu. O sol ainda está alto, a pilha de troncos ao lado da casa está baixa, e eu sinto que preciso me mexer. Deixo de lado as sandálias destruídas, pego as botas e saio em busca de madeira.



O machado bate na madeira com um estrépito. Meu vestido está sujo e minhas botas cobertas de lama de andar pelos campos depois da chuva. Elas eram do meu pai, feitas de couro marrom-escuro, com uma fivela antiga, macias, fortes e quentinhas, a parte de dentro gasta com o formato do pé dele. Preciso enfiar uma meia na parte da frente para que ela não saia do meu pé, mas vale a pena. Eu me sinto melhor usando as botas. E elas ficam bem mais bonitas assim, recém-sujas. Não consigo imaginá-las limpinhas dentro do armário.

Ficar parada quieta não é uma habilidade que eu possuo. Nunca consegui parar de me mexer, mas isso ficou ainda pior nos últimos três anos.

Uma gota de suor escorre pelo meu rosto e esfria instantaneamente com o ar do fim da tarde. Coloco mais um pedaço de madeira sobre um velho toco de

árvore que fica entre a casa de Otto e a nossa, levanto o machado e golpeio de novo.

A sensação é boa.

Meu pai me ensinou a cortar lenha para a lareira. Perguntei a ele uma vez se gostaria de ter tido um filho e ele me disse: “Por quê? Tenho uma filha tão forte quanto.” Ninguém diria uma coisa dessas, vendo meu corpo esguio, mas eu sou, sim.

O machado golpeia novamente.

— Lexi! — berra uma voz atrás de mim. Deixo o machado sobre o toco e começo a catar a madeira cortada.

— Sim, tio Otto?

— O que acha que está fazendo?

— Cortando madeira — respondo, minha voz no limite tênue entre dizer uma obviedade e ser grosseira.

— Você sabe que não precisa. Tyler pode vir fazer isso para você.

— A pilha estava pequena e minha mãe precisa da madeira para assar os pães. Só estou fazendo o que você queria, tio. Ajudando.

Me viro de costas na direção da pilha de madeira. Otto vem atrás.

— Há outras maneiras de você ajudar.

Otto ainda está com a expressão de Defensor da cidade no rosto; a voz austera, imbuída de poder. Ele pode ter a expressão e a voz, mas o título não é dele. Foi do meu pai primeiro.

— E onde estão seus sapatos? — pergunta ele, olhando para as botas enlameadas.

Coloco a madeira na pilha e me viro de volta.

— Não ia querer que eu os estragasse, não é?

— O que eu quero é que me escute quando lhe digo para fazer alguma coisa. E principalmente quando lhe digo para *não* fazer alguma coisa.

Ele cruza os braços e eu reprimo a vontade de imitá-lo.

— Não entendi.

— Lexi, eu disse que não queria que você saísse sozinha hoje. Não venha tentar me dizer que não fez isso.

A mentira chega até a boca, mas percebo que não vou enganar Otto tão facilmente quanto minha mãe.

— Você está certo, tio — digo, com um sorriso paciente. Ele levanta uma das sobancelhas, como se suspeitasse que há alguma pegadinha, mas eu continuo. —

Eu fui mesmo procurar o estranho e olhe só o que consegui. — Viro as palmas das mãos para cima. — Nada.

Pego o machado de cima do toco, os dedos deslizando nos sulcos formados pela mão do meu pai.

— Foi uma ideia idiota. Não consegui encontrá-lo. Ele já foi embora.

Enfio o machado com força no tronco, e ele fica bem preso com a batida.

— Então vim para casa. E estou aqui. Fique tranquilo, tio. Está tudo bem. — Esfrego as mãos para limpá-las e pouso uma delas no ombro de Otto. — Mas, e então, o que Helena tinha a dizer?

— Não muito — responde Otto, olhando para as botas do meu pai. — Disse que viu alguma coisa, uma sombra, talvez fosse o estranho, na clareira ao lado da casa. Diz que não sabe para que lado ele foi. Que ele simplesmente desapareceu.

— Helena sempre gostou de uma boa história — sugiro. — Ela consegue criá-las do nada. — É mentira, claro. Ela sempre prefere que eu conte as histórias para ela.

Otto nem está mais escutando. Ele olha para o horizonte, a mente bem longe. Os olhos escuros e perdidos.

— O que vai acontecer agora? — pergunto.

Ele pisca.

— Por enquanto, nós esperamos.

Faço um esforço para assentir antes de me virar de costas, uma careta se formando em meu rosto. Não confio nem um pouco que seja essa a intenção do meu tio.



Hoje não há lua, e, portanto, nada de luz do luar reluzindo nas paredes. Nada para entreter aqueles que não conseguem dormir. Não sinto o menor sono, mas nem é por causa do estranho.

É o vento.

Aquele mesmo acorde melancólico está de volta, ecoando no ar, e agora há outra coisa, um som que me dá arrepios. Não importa o quanto eu me vire e enfie o rosto sob as cobertas, eu continuo ouvindo algo, ou alguém, chamando alto o suficiente para atravessar as paredes. A voz sem dúvida é algo além do vento, serpenteando e se contorcendo em altos e baixos, como uma música abafada. Sei

que se eu pudesse chegar mais perto, as palavras ficariam mais claras, mais nítidas. Palavras que não se desmanchariam antes mesmo de eu compreendê-las.

Afasto as cobertas, com cuidado para não acordar Wren, e deixo meus pés deslizarem sobre o piso de madeira. Então me lembro das palavras do meu pai e subo os pés de volta para a cama, pendurados de um jeito estranho, no meio do caminho entre o movimento de se levantar e o de voltar para as cobertas.

Todas as árvores sussurram, as folhas fofocam. As pedras são grandes pensadoras, do tipo mais taciturno e silencioso. Ele inventava histórias para tudo na natureza, lhes dava vozes e vidas. Se o vento da charneca alguma vez cantar, você não deve ouvir, pelo menos não com os ouvidos todos abertos. Use só uma frestinha. Ouça do mesmo jeito que você olharia para alguma coisa com o canto do olho. O vento é solitário, querida, e está sempre procurando companhia.

Meu pai oferecia lições e histórias, e era minha tarefa aprender a diferença entre as duas coisas.

O vento uiva e eu deixo de lado o alerta do meu pai, abrindo bem os ouvidos para compreender o som, para decifrá-lo. Minha cabeça começa a doer enquanto tento distinguir palavras onde elas não existem. Desisto, volto para baixo das cobertas e me enrolo em meu ninho para que a canção do vento chegue ali já distorcida.

Quando estou prestes a cair no sono, Wren se mexe ao meu lado. Ela desperta e ouço o som suave de seus passos ao descer da cama e atravessar o quarto em busca da cama da nossa mãe.

Mas tem algo de errado.

Há um leve rangido e som de passos sobre as tábuas empenadas que ficam entre a cama e a janela. Eu me sento. Wren está de pé, emoldurada pelo vidro e pela madeira da janela, o cabelo loiro quase branco na escuridão. Sem o casulo de cobertas, consigo ouvir o vento novamente, a música, as quase palavras que zunem na minha cabeça.

— Wren? — sussurro, mas ela não se vira. Será que estou sonhando?

Ela leva a mão até o fecho da janela e o gira. Segura a parte de baixo da moldura com os dedinhos pequenos e tenta levantá-la, mas é muito pesada para ela. Sempre foi muito pesada. Pela primeira vez me dou conta de que as venezianas estão abertas do lado de fora do vidro. Não me lembro de tê-las aberto, mas elas estão recuadas e revelam a noite lá fora. Wren empurra a borda de madeira e a janela começa a se abrir bem devagar.

— Wren!

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Bruxa de Near V.e. Schwab" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).